

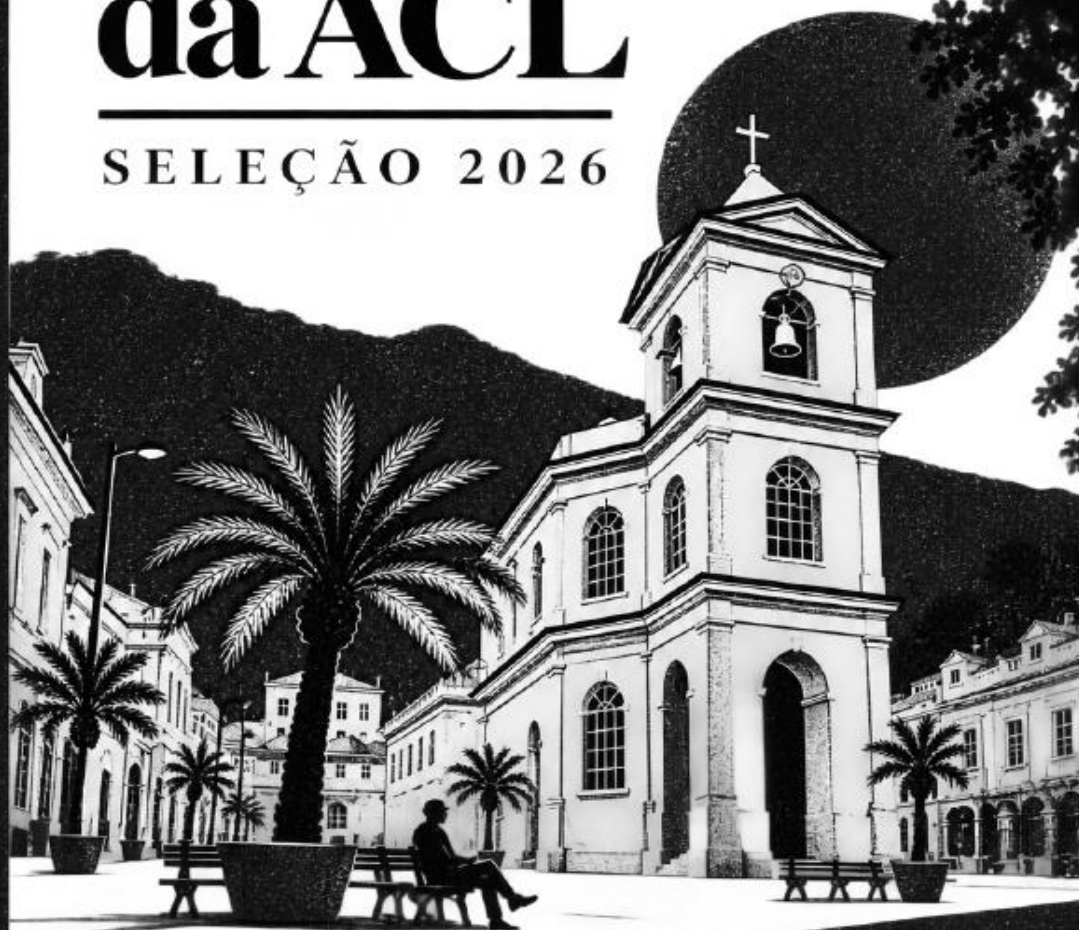
Prêmios Literários da ACL

SELEÇÃO 2026



Prêmios Literários da ACL

SELEÇÃO 2026



Prêmios Literários da ACL
Seleção 2026

José Huguenin
(Organizador)

Prêmios Literários da ACL Seleção 2026

1ª Edição

Niterói – RJ

2026

2026© Vários autores(as)
2026© Academia Cantagalense de Letras

Edição: José Huguenin
Rick da Cunha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prêmios Literários da ACL [livro eletrônico] : seleção 2026 / José Huguenin
(organizador). --1. ed. -- Niterói, RJ
AFL Edições: Projetos Independentes, 2026.

PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-977604-0-4

1. Contos brasileiros 2. Poesia brasileira
3. Prêmios literários I. Huguenin, José.

26-394218.0

CDD-B869.908

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Coletâneas B869.908
- Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Diretoria da ACL – 2026-2030

Presidente: Andréa Teresinha Ramos Reis
Vice-Presidente: Dilma de Paula
Secretária: Fabiana Corrêa
Tesoureiro: José Huguenin

SUMÁRIO

Os prêmios literários da ACL José Huguenin.....	5
Do texto ao livro (e mais um tanto) Anélia Pietrani.....	13
Prêmio Ruth Farah Nacif Luterbach de Poesia.....	15
Prêmio Air Cosendey Higino (D. Isota) de Contos.....	33
Prêmio Estudantil de Poesia Henny Kropf.....	71
Os sonhos estudantis em poesia Ludmar Lameirinhas Longo.....	72
Categoria A (6º e 7º anos)	77
Categoria B (8º e 9º anos)	94
Categoria C (Ensino Médio)	113

Os prêmios literários da ACL

José Huguenin

(Organizador)

A Academia Cantagalense de Letras tem o prazer de entregar este livro, resultado de uma iniciativa voltada à valorização e à divulgação da produção literária contemporânea e de incentivo à leitura e à escrita de estudantes cantagalenses. Reunindo os textos selecionados nos três concursos promovidos pela Academia em 2026, o livro coloca lado a lado diferentes gerações, formas de expressão e experiências literárias, revelando a diversidade e a vitalidade da literatura produzida em nossa região.

Os concursos foram concebidos com o propósito de criar espaço para novos autores e

autoras, incentivar a produção literária e contribuir para a integração cultural da Região Serrana Fluminense. Nos concursos destinados ao público geral, a participação foi ampliada para escritores residentes nos municípios da região, enquanto o concurso estudantil voltou-se especialmente para os jovens escritores de Cantagalo.

Prêmio Ruth Farah Nacif Lutterbach de Poesia

O Prêmio Ruth Farah Nacif Lutterbach de Poesia homenageia uma importante personalidade da vida literária cantagalense. Ruth Farah Nacif Lutterbach (1932–2017) foi trovadora e poeta e destacou-se também por sua atuação à frente da União Brasileira de Trovadores (UBT), tendo organizado diversos certames nacionais de trovas. Ao levar seu nome, o concurso celebra a tradição poética de

Cantagalo e, ao mesmo tempo, abre espaço para que novas vozes da poesia contemporânea da Região Serrana possam ser conhecidas e apreciadas.

Prêmio Air Cosendey Higino (Dona Isota) de Contos

Prêmio Air Cosendey Higino (Dona Isota) de Contos presta homenagem a Air Cosendey Higino (1926–2024), conhecida carinhosamente como Dona Isota, escritora cantagalense cuja trajetória esteve profundamente ligada à literatura e à educação. Publicou seu primeiro livro, *Raízes*, em 2008, e posteriormente vários outros trabalhos, entre romances, fábulas e contos. Professora municipal, dedicou-se também à alfabetização de crianças. Escritora por paixão, Dona Isota deixou uma trajetória que aproxima literatura, educação e memória, valores que

encontram continuidade neste concurso dedicado à narrativa em prosa.

Os prêmios Ruth Farah de Poesia e Air Consendey de Contos tiveram a mesma dinâmica: receberam textos de autoras e autores da Região Serrana Fluminense que foram avaliados às cegas pelas comissões organizadoras, que poderiam selecionar até 10 textos que seriam declarados, textos premiados. Um número menor poderia ser selecionado, a critério da comissão.

Prêmio Estudantil de Poesia Henny Kropf 2026

O Prêmio Estudantil de Poesia Henny Kropf ocupa um lugar especialmente importante entre as iniciativas da Academia Cantagalense de Letras. Destinado a estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio das escolas públicas e privadas

de Cantagalo, o concurso foi criado com o propósito de estimular a criação literária, promover o gosto pela leitura e pela escrita e valorizar os talentos artísticos de nossos jovens.

A escolha de Henny Kropf (1922-2015) como patrona confere ao prêmio um significado especial. Professora e poeta cantagalense, Henny contribuiu para a difusão da poesia entre estudantes e a população de Cantagalo e, ao longo de sua carreira, alfabetizou várias gerações de cantagalenses. Por suas contribuições à poesia e à educação do município, seu nome passou a representar uma iniciativa que aproxima justamente esses dois universos: a educação e a literatura.

Mais do que premiar poemas, entretanto, um concurso como este pode oferecer aos estudantes a oportunidade de se reconhecerem como escritores e escritoras. Incentivar um jovem a escrever é dizer-lhe que sua

imaginação, sua sensibilidade e sua maneira de olhar o mundo também têm valor e podem encontrar expressão por meio da literatura. A experiência de escrever, escolher palavras, construir imagens e buscar uma forma própria de dizer algo pode contribuir para uma relação mais consciente e criativa com a língua.

Nesse sentido, estimular a escrita também pode ser uma forma de estimular a leitura. O estudante que experimenta escrever pode passar a olhar para os textos de outros autores com maior curiosidade, percebendo escolhas de linguagem, ritmos, imagens e diferentes maneiras de construir um poema. A leitura deixa, assim, de ser apenas uma atividade escolar e pode tornar-se também uma fonte de descoberta e inspiração para a própria criação.

É esse espírito que orienta o Prêmio Estudantil de Poesia Henny Kropf: criar uma oportunidade para que os jovens escrevam,

sejam lidos e descubram que também podem fazer parte da vida literária de sua cidade. Ao publicar os poemas selecionados nesta coletânea, a Academia amplia essa experiência, permitindo que essas primeiras vozes ultrapassem os limites da sala de aula e encontrem novos leitores.

A dinâmica do Prêmio Henny Kropf envolveu as escolas e colégios do município, que foram convidados a selecionar até três poemas de seus alunos e alunas em três faixas 6º e 7º (Categoria A) e 8º e 9º anos (Categoria B) do Ensino Fundamental II, e o Ensino Médio (Categoria C). A comissão julgadora fez avaliação às cegas. Para cada categoria, foram selecionados até 10 finalistas dentre os quais foram classificados 1º, 2º e 3º lugares. Todos os finalistas e classificados estão publicados aqui.

Uma janela para a literatura da região

Os três concursos têm, portanto, características próprias, mas compartilham um mesmo propósito: fazer circular a literatura, reconhecer novos talentos e aproximar escritores e leitores. Este livro reúne os textos que se destacaram nessas três iniciativas e oferece ao público uma pequena, mas significativa, amostra da criação literária que nasce em Cantagalo e na Região Serrana Fluminense.

Ao publicar esta coletânea em formato eletrônico e disponibilizá-la gratuitamente, a Academia Cantagalense de Letras amplia o alcance dessa produção e contribui para que os autores selecionados possam chegar a novos leitores. Mais do que registrar o resultado de concursos, esta publicação pretende ser um espaço de encontro: entre diferentes autores, entre diferentes gerações e, sobretudo, entre a literatura que se escreve em nossa região e aqueles que desejam conhecê-la.

Do texto ao livro (e mais um tanto)

Anélia Pietrani

Existe algo mágico em ter seu nome em um livro – um grande desejo, no dizer de Adélia Prado. Caminha-se num vai-e-vem de mãos e olhos. Explico-me: com as mãos, escrevemos o texto; com os olhos, no papel – ou na tela –, descobrimos o que rever; com as mãos, revisamos aqui e acolá; com os olhos, decidimos o ponto final; com as mãos, endereçamos o texto; com os olhos, o editor e a editora o recebem na tela – ou no papel; com as mãos, o antigo prelo dá lugar à atualíssima diagramação; com as mãos e os olhos, o leitor e a leitora leem no papel – ou na tela. Engana-se quem pensa que aí chegou-se ao ponto final. O ponto final do autor e da autora é apenas o início do caminho. No caso, o caminho de quem

lê. Não estava em jogo julgar, embora eu corresse atrás de algo – o quê? Talvez essa coisa chamada beleza. A graça. A sátira. O amor. A cidade. O bichinho. A florzinha. O jardim. Um doce. Um sonho. A palavra. A dúvida. A pergunta. A história. A estória. A invenção. A criação. O grande desejo de dividir seus desejos com o leitor e a leitora. O tanto que se tem para contar. O tanto que se deseja que ouçam. Deve ser isto a beleza da arte da escrita: um poetar sem fim. E aqui está apenas um caminho a abrir-se em um novo início: o prêmio de ter seu nome em um livro.



PRÊMIO
RUTH FARAH NACIF
LUTTERBACH
DE POESIA

Comissão Julgadora

Anélia Pietrani

Cássia Ravena

Lenon Martins

Fantasia

Dyrce Pinto Machado

Cantagalo

Do orvalho numa gotinha,
mil fantasias criei,
numa cascata só minha,
meus doces sonhos banhei.

De sua água cristalina
imenso mar se formou,
e uma onda pequenina,
as minhas mágoas levou.

Eu quis ficar nesse mar,
e num barco navegando
à praia não mais voltar,
não ver sonhos se acabando.

E na ilusão de criança,
ser marinheiro menino,
que ao mar sem medo se lança
e navega sem destino.

Seguir nuvens de algodão,
ter por teto o céu juntinho.
Ser minha própria ilusão
ser de papel um barquinho.

Se as ondas do alto mar,
ser espuma flutuante,
de alegria me chamar,
ser farol do navegante.

Virar a roda do tempo,
à minha infância me traz,
ser calmaria, e ser vento
nunca ser praia ou cais.
Mas um dia certamente,
Todos os sonhos se irão.

Ao despertar de repente cascata
desfazar-se-á a ilusão

Vi os sonhos se apagando,
Com eles as alegrias,
Fiquei na vida vagando
Sem barcos, sem fantasias.

Delas assim acordei,
e a vida olhei de verdade
a cascata desmanchei,
o mar tornou-se saudade.

Meu barco se foi no mar,
ao longe eu o vi sumir.
Meus sonhos perdi no ar
E na praia eu vim surgir.
Em sonhos eu me vesti
com cores de fantasia.
Hoje na praia surgi
Num manto de nostalgia.

E assim sigo pela areia,
Sem fantasia vivendo,
Minha alma triste anseia,
Ir com elas convivendo.

Quero de novo gotinhas,
Em minhas mãos afagar,
Criar cascatas só minhas,
Rever meu barco e meu mar.

Legado de impressão

Diogo Cancela

Cantagalo

Deixo-te palavras

Com lágrimas de rascunho e sonhos de

| impressão

Perdidas em devaneios distantes

Que coloridas eram de emoção

Reflita palavras sentidas

No pulsar de lembranças trazidas

De contornos em gotas de tintas

Fazes gesto de antiga poetisa

De olhar pausado e sereno

Percorro entre margens e números pequenos

Em frases de símbolos negritos de teor

Cujo entendimento se aquece a rigor

Rigor de mão construtora
Poeta, científica e inventora
Criadora de formas, cores e linhas
E sinais que por certo não definham

Definhar minhas mãos, meu cérebro, meu
| coração
Quando de tudo levar meu suspiro
Que em legado me foi dado o divino
Possa de tudo então, minhas palavras me dar
| saudação.

Maria, mulher

*Luiz Felipe Gomes
cantagalense residindo em
Córrego da Prata – Carmo.*

Era um belo exemplo de Mulher
E sua história é preciso contar
Maria Rilza, uma guerreira
Que muito cedo foi lutar

Com um bernal de pano no ombro
E cadernos feitos com sacolas de pão
Maria andou quilômetros até a escola
Em busca de uma profissão

Da beira do Rio Paraíba do Sul
Para uma cidade desconhecida
Maria fez da Educação
O seu combustível de vida

Levando seus cinco irmãos
Ela nunca pensou em desistir
Mesmo plantando e colhendo na roça
A sua sabedoria veio a florir

Entre o campo e o município
A roça, o rio e o suor
Maria ergueu o diploma
Para um futuro melhor

Formada, quis ainda mais
Uma profissão de se honrar
Maria virou Mulher Enfermeira
Para muitas vidas prolongar

Da roça, Maria não saiu
Escolheu viver por lá um bom tempo
Trabalhando em um postinho simples
Trouxe para famílias carinho e acalento

Em sua história, muitas vidas ela salvou
E muitos sorrisos fez brotar
Com amor, zelo e suor
Maria Rilza chegou lá!

Entre tantas Marias no mundo
Essa é um exemplo de puro amor
Mesmo com uma vida de batalhas
Ela jamais escolheu a dor

Doçura, zelo e humildade
Foram a sua marca de vida
Mesmo partindo cedo ao infinito
A sua missão foi cumprida!

Hoje, a sua história é uma homenagem
Às Marias que têm por aí
Que lutam, que acreditam
E buscam coragem para seguir

As que se despiram do medo

E vestiram a honra para sair

Sua vida traz uma grande mensagem:

Toda Mulher têm uma Maria dentro de si.

O Jardim da Minha Vida

Leni Costa Siqueira

Cantagalo

No jardim da minha vida,
Vi muitas flores nascerem.
Algumas por mim plantadas,
Outras, por outros semeadas,
De vários tamanhos e cores,
Fazendo brotarem sonhos
Ou despertando amores.

Umas branquinhas e puras,
Como criança a brincar.
Outras cheias de espinhos
Não fáceis de se cuidar,
Como os momentos da vida
Difíceis de suportar.

Também havia aquelas
Que muito cuidado exigiam:
Floresciam grandes, belas,
Mas logo, logo, morriam,
Deixando em seu lugar
Decepção, saudade, nostalgia.

As amarelas, frequentes,
Traziam-me alegria
E aquelas de cor laranja,
Enchiam-me de energia,
Animando-me a vencer
Obstáculos que surgiam.

Das roxas, o que dizer?
De repente apareciam!
E, inesperadas, queriam
Que o terreno em que brotavam
Estivesse bem preparado,
Esperando que eu tivesse
Muita Fé, Amor e Coragem.

Sustentando todas elas,
Verdes folhas em firmes caules
Traziam-me na lembrança
Que, embora surjam alguns males,
Quer no jardim, quer na lida,
É preciso que na vida
Nunca falte a Esperança.

O teatro da vida

Rita Márcia Jardim

Daflon Gama

Cantagalo

No embalo do ventre materno

Obra prima pequenina

Por nove meses gerada

Criada por mão divina

O dia mais esperado

É a estreia do novo artista

O choro pede aplauso

Na vida do protagonista

A fome, o primeiro banho

Cada cólica sentida

Tudo é novo, sem ensaio

No palco da nova vida

No elenco principal
A família se faz presente
Nos bastidores de cada cena
Da criança e do adolescente

No tablado da vida adulta
Cada um tem seu valor
Intérprete de sua história
Sem roteiro e sem diretor

A plateia observa o enredo
De cada ato e consequência
Atuação sem replay
Da nossa própria existência

No cenário da alegria
Seja sempre presente
Ame, dance e ria
Viva tudo intensamente

Última apresentação repentina
As cortinas se fecham, enfim...
O personagem fica ausente
O espetáculo então, chega ao fim.



PRÊMIO
AIR COSENDEY HIGINO
(DONA ISOTA)
DE CONTOS

Comissão Julgadora

Anélia Pietrani

Cássia Ravena

Ludmar Lamireinhas Longo

Enseada das Gaivotas

Hian Torres de Paula

Cantagalo

Quinta-feira, 13 de fevereiro, quatro da manhã. Acordou fustigado, no susto; o quarto estava cheio de um silêncio ensurdecador. Olhou a hora no relógio de pulso que deixava embaixo do travesseiro e sem se dar conta do dia, pela janela, viu que ainda era cedo demais. Relutante, decidiu virar para o lado e voltar a dormir.

O sono, que se apartava dele, fustigado, deu espaço à ansiedade, que lhe enchia o peito com os desfibrilantes intervalos de seus impulsos. Em um desses impulsos, levantou, apenas de tronco, pôs-se curvado sobre suas pernas e abraçando os joelhos. Sentado sobre a cama, virou de lado e olhou profundamente

para o vão entreaberto na janela. Por ele, via um querer de dia tomado de nuvens carregadas metendo-se uma sobre as outras no céu. O ir e vir suave feito mar brando das nuvens davam ritmo àquele sombrio celeste cinza rubro de plano quase branco.

Nesse reflexo de mar, ele fechou os olhos e podia ouvir o som das águas e o címbalo do estridente vaguear de gaivotas. Ao abri-los, estavam marejados, tomados pela sensação de pertencer ao lugar de seu breve devaneio. Fustigado, seduzido pela tentação de não estar só, dominado pelo desejo de ser forte, resolveu afogar o desejo do corpo na fuga que sua mente lhe propunha.

O ensaio da vida, que lembra muito o prelúdio da morte, viu sair moroso, balançante, disperso, aquele devaneio da mente para se pôr nesse plano. O homem da história só acordou de fato quando sentiu a água gelada do banho em seu rosto. Se preparou de café preto e litros

d'água para matar a sede que viria depois. Pôs óculos e touca, vestiu o short e dali ia para a praia, depois ao mar. Esqueceu a boia.

Encontrou naquela manhã de quinta a enseada vazia, traída pelos risos do dia anterior, suja pelas mãos de quem a usava sempre, e por isso amanhecia fria, gélida e repugnante mesmo no dia mais quente.

O vento, guarda cálido do oceano, rejeitava em ondas os olhares admirados e assombrava com murros de quebra, em tamanhos cada vez maiores e sons cada vez mais rudes, sem gírias, diretos e impenetráveis. Usava as águas do mar para lambar a areia e cavar um vão à margem, cerceava, apresentando: está aí o seu limite.

Sonso, sem nada temer, o homem, que vinha do carro lançando olhares de já conhecedor daquele azul, encarou tudo isso resignado, conhecia os ciclos das ondas, sabia que também se cansava de ser bruta a

natureza, esperava ver aquele furor cessar como sempre cessava, como tinha de ser. Ele era assombrado por fantasmas maiores que o inundador, considerava não temer mais à morte, quem dirá ao mar, e por isso o encarava como companheiro de má ventura. Sorria, ainda que o vento lhe soprasse contra para fechar a boca, mal sabia o tempo que o mal lhe dava convencimento.

O furor calava, ondas menores eram o sinal de que a prudência do mal também cansava. Encheu o peito daquele ar arenoso, salgado e furioso. Batia no mesmo já arrepiado de ventos frios e úmidos da chuva de maresia causada pelo quebrar das ondas. Alternando os murros de gorila, com o olhar fixo e o corpo enérgico de boxeador centrado, golpeava também a face. O corpo moreno, calejado pelo Sol, que havia ficado pálido perante o semblante frio daquela manhã cerrada, agora estava rubro em chamas. A vermelhidão

denotava o estado caloroso de sua pele e conotava que a dor não mais doía. Ele continuava a fitar o mar, o ciclo de suas ondas e suas correntes de armadilha. Já não havia resigno algum. Traçava uma meta ousada, seriam três quilômetros de preferência de quase morte.

Ao entrar na água, encontrou um raso chão de areia, afundou no terceiro passo: o limite. O quebrou. Estava no raso de novo. Sabia que dali para frente apenas afundaria, mergulhou. Deixou-se estar embaixo d'água, ambientou-se ao frio e à hostilidade gélida da correnteza, ao repulsar quase humano das ondas; o mar o vomitava antes de o engolir. Ele insistia. E insistia um pouco mais. Àquela altura, as águas já o engoliam mais que o vomitavam; encontrou refúgio.

A paz iminente não o deixava enganar, sabia que o mar não o esqueceria, e nem fazia o que fazia por mal. Essa consciência não

distanciava a verdade de que, mesmo não intencionado, ele poderia matá-lo.

A ideia de chegar à ilha não era descartada, nem mesmo diante da identificação de que nada o levava de manso ao destino. Ele conhecia aquele trajeto, caminhava sobre aquelas águas, a confiança em si conferida o fazia forçar braços, ombros e pernas incansavelmente. Ele precisava chegar lá.

O confronto com a realidade se dava ao levantar os olhos e deparar que nem ele, nem a intransigente ilha saíam do lugar. Nadou de lado, fugiu da corrente, agarrou-se a uma pedra. Parou. Parado, o mar não parecia tão violento quanto quando tentava o buscar. Ali detido, fechou os olhos por um instante, respirou fundo. Sentia-se vivo, apesar da iminente impotência. Gotas de alívio escorreram pelo seu rosto frio, duas gotas de suor quente que sentira evaporar na vista fechada. Ao abrir os olhos, olhara para o céu

que permanecia em querer de manhã, notou que nele as nuvens cinzas espaçadas formavam um mar de chuva; tremiam, se chocavam, invadiam-se, batiam-se entre si para se expulsarem dos céus. Já bem distante, olhou também para a praia, que permanecia vazia, intacta, sem sequer sombra de vida, tomada por um nevoeiro que o impedia de ver a continuação da rua e da calçada. Virando a cabeça, viu a ilha que, apesar de no mesmo lugar, parecia a todo instante mudar de fisionomia. Perto dela, parecia o Sol já ter nascido.

Despertou daquela fixidez de corpo marejado, e só daí se deu conta de que as correntes o puxavam e repuxavam. Se deu conta também de que aquele podia não ser mais o mesmo mar que ele conhecia. “A boia... a merda da boia! ... Que merda eu fiz!”. Em mais um desfibrilar do coração, decidiu voltar,

e não mais desafiar o mar, nem a ilha. Viu-se perdido na sua certeza. sabia nadar.

A praia era imensa, e ele estava só. Tirou por um instante os óculos e a toca que apertavam sua pele fazendo ferir sua face, e então, entregou-se ao mar. Decidiu deixá-lo mandar. Que o expulsasse como quisesse. Agora, negociava a vida com o detentor dela. Deus deu ao homem e à natureza o seu arbítrio. Respirando fundo, deixou-se levar pela corrente, viu escorrer de suas mãos a toca e os óculos, apenas desviava-se das muitas pedras, não podia mais alcançá-los, foi quando experienciou seu peito à boca, e descobriu que temia sim morrer. Ouvia o céu mais que as ondas, e sentia o frio congelar-lhe os pulmões. A água do mar o invadia pelos lábios, pelas narinas e pelas orelhas, e havia princípio das nuvens de chuva em sua pele. A resistência se dava fraca, continuava a escapar sem forças de

cada rocha, quando deparou que ao longe vinha outra praia.

A vista de que a rota do mar o levaria de volta à margem o enchia de nova esperança. Já moído, nadava não mais de lado, mas de frente, alternando braços e pernas, num esforço aflito pela vida. Apesar da aparente salvação, o remanso do mar não coincidia com a corrente que tão forte o impelia. O desespero o fizera nadar, mas não sair do lugar. Via que o mar realmente tinha mais força em seu querer. Novamente boiava, a mar aberto, agora, sem os encostos das pedras. Sem forças, desistente, não lutaria mais, poderia ali o mar recolher o seu despojo.

Boiando, percebeu que até então não havia vislumbrado nenhuma luz no fim de algum túnel, nem memórias da vida passando diante de seus olhos e, assim, encarava o céu de mente vazia. Enquanto a água continuava a lhe invadir o corpo, era tomado pelo mesmo

medo que quando saiu de casa estava disposto a vencer. Resignou-se, ignorando tudo ao redor. Mirava apenas o negro horizonte que acreditava agora ser o seu destino. O mar, que crescia em sua mente, já não era mais mirado pelo alcance de seus olhos, estes contemplavam o ruminar do céu através dos espelhos de lágrimas formados em suas pupilas que precipitavam-se involuntárias junto às nuvens de chuva, e lutavam por espaço com as águas salgadas em seu rosto.

À medida que se esvaziava de si, enchia-se de seu domador. Era um corpo sôfrego jangando com o vento e atormentado pelos pingos de chuva. Em rédeas, o mar o tomou: um pra lá e pra cá hipnotizante. Perdeu-se de si. A consciência de quase morte alcançou-lhe o corpo, transição para o pós-vida. Não mais sentia os dedos, nem mais a língua ou os olhos, a surdez aguada de seus ouvidos era quebrada

vez ou outra pelo ensaiar das aves no céu. Mantinha ele de novo uma fixidez absorta.

O olhar, direto para cima, por vezes se perdia no íntimo de si, desenhando nos pequenos espaços alvos das nuvens, esboços dos quadros estampados nas frisadas paredes de sua memória. Por alguns momentos, ria dos rabiscos do seu raciocínio inquieto, em outros, sua mente transpassava tão demoradas as lembranças que lhe pareciam sonhos. A consciência lhe gritava por instinto ao fundo, trancada em alguma sala longe o suficiente para ser abafada, mas perto o suficiente para ser ouvida “NÃO MORRA”. Ele não se preocupava com o grito.

O vento ruminava. Agora ele tomava os céus, pegou a chuva de assalto, dispersou as nuvens e deu lugar ao mormaço ardente do Sol que nascia na praia e caía sobre a ilha. O efervescente calor fez as águas ruminarem. O corpo do homem sentiu um respiro de vida, o

sangue dilatava novamente. Suspirou fundo. Hipotérmico. Outra desfibrilada. “Acorde!”, acudiu-lhe novamente a consciência. Respirava ofegante, sem forças, inebriado, desidratado. Pôs-se a olhar ao redor, via que o mar de tudo não o supriu de mal, o levara em direção à outra praia. Estava quase em reserva, bastava cortar a corrente e chegaria à enseada.

O esforço de vida, que não via mais em si, escorreu de seu corpo através de arritmias provocadas pela anormal força da sobrevivência. Agora, nadava insaciavelmente. Queria chegar. As ondas, que do outro lado das rochas o engoliam, agora o vomitavam. Deixou-se levar. Logo via, naquela praia ignorada pela vista de seus olhos nas idas à ilha, o paraíso de sua salvação, uma terra prometida.

De súbito, sem nenhuma delicadeza, cuspiu-lhe o mar. Foi de caixote à areia, caiu de bruços, como morto. À margem em que quebravam as ondas, estava lá um corpo

avermelhado, esfolado pela areia e o sol, desidratado e frio no limite da morte. Um cadáver vivo de olhos fechados e bermuda.

Ele sentia, na pele de suas costas, o calor do Sol. Aliviou-se ao ver que as ondas recuavam, não mais o puxavam. Deixou-se ficar. Tossia a intervalos, punha para fora, ali do seu lado, areia com água salgada do mar, babava, senil. Apanhara da vida. Virou-se de barriga pra cima, madornando sob o alívio de ter sobrevivido. Sentia-se vencedor, triunfante, em dívida com o divino e, ainda sem forças, deixou-se então levar pela paz e suficiência que só têm os vitoriosos.

Caído no marasmo da sobrevida, ouvia, distante, vozes perdidas, difusas, que acreditava serem ainda os fantasmas de sua mente. Nada disso espantou o seu alívio. As vozes se aproximavam e ele permanecia intacto, delirando ser um semideus que vencera o maior temor de muitos homens. Imaginava-se visto de

fora, vestido em glória de uma batalha que poucos venceram. Reconheceriam-no grande.

Aos poucos, começou a sentir que as vozes cresciam mais, quebrando limites de fantasmas e devaneios que tinha visto antes. Temia por sua sanidade. Mal conseguia abrir os olhos, estavam colados por uma crosta de sal e areia seca. O calor de seu corpo foi diminuindo, não sentia mais o Sol em suas pernas, depois não mais o sentia em sua barriga, até que seu peito e seu rosto também estavam em sombra, e, então, somente o cabelo ao Sol. Via se formar perante si dois vultos. Havia morrido? Não conseguia proferir uma só palavra, quando sentiu sua pele cutucar. Um toque que lhe feriu feito brasa, um calafrio - estava no limite do sensível. Os vultos em susto se afastaram, e voltaram de novo.

- Será que ele tá vivo?

- Claro que tá, sua tonta. Não tá vendo que é um bêbado?!

- Fica quieto, exclamou a menina com dedo na boca do menino, você vai acabar acordando ele.

Lá vai a bateria!

Diogo Cancela

Cantagalo

Tião Lemes é um homem simples. Pedreiro, 61 anos de idade, casado com Maria e pai de três filhos. Veste camisa branca, de manga curta com gola esgarçada, bermuda de linho e chinelos de “dedo”, sempre acompanhado de um maço de Hollywood vermelho no bolso da camisa como insígnia de um homem rústico. E também possuía uma Brasília amarela ano 79 (isso, igual a dos Mamonas Assassinas).

Era por volta do meio-dia, quando Tião comunicou Maria que precisava levar a bateria do carro para “carregar”. Carro velho, sempre em manutenção, mas era seu quebra galho e lugar preferido de seu companheiro/cachorro

Dunga (um pinscher ranzinza, sempre em sua defesa).

Maria, no entanto, o advertiu com rispidez:

- Tião, aproveita e recolhe o lixo. Hoje é segunda, dia do lixeiro passar.

Como a hora do almoço estava próxima e as panelas já chiavam na cozinha, Tião apressou-se: bateria no ombro, cigarro no bolso, chinelo no pé e rua.

Saindo de casa, já fechando o portão, meio sem braço, meio sem jeito, ainda deu bom dia para Junho (um menino de 05 anos, sem camisa, descalço, filho do Zé Gaspar da rua, que brincava em frente à casa. Com uma mão mexia no celular, com a outra limpava o nariz que escorria), momento em que ouviu um sussurro do outro lado da rua. Dona Lila, a vizinha com 95 anos, cega de um olho. Precipitando sua cabecinha branca para alcançar o limite da janela, como um soldado

russo numa trincheira de guerra, veio acompanhada de um:

- Tião, Tião. Oi, Tião! Tá me ouvindo, Tião? Pega meu lixo aqui, Tião.

Tião girou o corpo para trás como se cutucado por um vulto, olhou para cima procurando a voz, mirou outra vez Junho e só depois localizou aquele sussurro vindo da escuridão da janela. Identificou Dona Lila, do outro lado da rua, imóvel como uma peça de jardim. Colocou a bateria sobre a mureta de concreto de sua casa, atravessou a rua e já foi acenando, indicando com a mão:

- É por aqui, tô entrando aqui, ó!

Mal entrou na casa de Dona Lila, o caminhão do lixo já cruzou a esquina. Rápido e duro, como se os entulhos pressentissem a vinda de um predador. Os meninos da limpeza, pendurados como frutos maduros nas alças do caminhão, saltavam e iniciavam o movimento de cata-cata da lixarada da vizinhança. Entre

um arremesso e outro, um saco que rompe aqui e uma garrafa de plástico que escapa ali, lá se foi a bateria da Brasília do Tião. Ela foi carregada!

Ato contínuo, vem Tião, saindo da casa de Dona Lila acompanhado de uma voz agarrada ao pé d'ouvido:

- Depois quero que você corte essa roseira aqui da frente, não tenho forças para usar a tesoura. Ouviu, Tião?!

- Dona Lila, depois eu vejo - resmungou Tião. Atravessando novamente a rua, Tião já reparou que algo faltava na paisagem. Conferiu rapidamente: o menino, a mureta, a bateria. A bateria?!

- Ué, eu deixei aqui! Não é possível!

Olhou para Junho. Ainda estava absorto no celular, revezando entre uma esfregada de nariz e outro rolar de tela. Não sabia o que estava mais sujo, o nariz do menino ou a tela do telefone.

- Menino, cadê a bateria que estava aqui? – indagou Tião

O menino, para quem nada mais era importante do que o celular e o nariz, apenas esticou o braço esquerdo na horizontal e apontou:

- O lixeiro carregou pra lá!

- Não acredito nisso! Vão levar a bateria para o aterro! – exclamou Tião.

Dona Lila, ainda presente como uma espiã que aguarda pacientemente o movimento do inimigo, posicionou sua cabecinha branca na janela e interpelou:

- Tião?! E a roseira, Tião?! Aproveita que você está à toa e poda minha roseira.

- À toa?! Agora não, Dona Lila! O lixeiro carregou a bateria da Brasília. Outra hora eu vejo essa roseira – retorquiu Tião.

Lila, com a verve do idoso que já perdeu apreço pela diplomacia e pelos cuidados com a fala, embalou:

- Compra outra, velho pão duro! E vem ver minha roseira hoje!

Maria, bem distante dos fatos, vendo o alvoroço do lado de fora da casa, aproximou-se do peitoril da janela e indagou languidamente o que havia acontecido, ao que bradou Tião:

- A bateria foi carregada! Ela foi carregada, bem!

Entendendo a mensagem, mas não a agitação, Maria deu de ombros, apenas ponderando:

- Já entendi, Tião. Que bom que a bateria foi carregada. Agora recolhe o lixo que hoje é dia do caminhão!

Moral da história: mulheres e crianças primeiras!

Onde moram os saberes: a resistência da menina Ayla

Vitória Vollú

cantagalense residindo em

Campos dos Goytacazes

O sol já nascia no horizonte, o orvalho deixava as folhas do pomar ainda mais vivas, as galinhas cacarejavam, e Caetano acordava para mais um dia de trabalho. — Que lindo dia! — contemplou Caetano, enquanto abria as janelas de madeira de seu quarto e se espreguiçava. Foi até o quarto de Ayla, sua filha, e a acordou com um doce beijo. Era hora de se arrumar para ir à escola. Antônia, sua esposa, estava na cozinha preparando o café da manhã e a lancheira de Ayla: goiaba, escondidinho de mandioca e uma cocada de sobremesa. Tudo colhido do pomar e feito por

Antônia. Ayla vestiu seu uniforme enquanto seu pai Caetano calçava sua galocha e sua mãe acabava de passar o café. Todos se sentaram juntos à mesa e se deliciaram com o café da manhã. Ayla pegou sua mochila e foi com sua mãe até o ponto esperar a van. Abriu a porteira e correu em meio às plantações de manga de seu pai. Os pés estavam cheios — naquele ano, a colheita tinha sido ótima. Ayla deu um beijo em sua mãe, pediu a bênção e entrou na van. Caetano já estava com seu balaio nas costas, pronto para realizar a colheita das mangas que já estavam maduras. Enquanto isso, Antônia preparava as mangas e outros alimentos produzidos no sítio para vender na feirinha da cidade. Fazia a goiabada, o doce de manga, o escondidinho de mandioca e inúmeras outras receitas. Todas cheiravam muito bem e pareciam deliciosas. As receitas que ela usava eram herança de sua bisavó e todas se encontravam em um caderno que passava de

geração para geração. Era o tesouro da família. Caetano iniciava a colheita, colhia manga por manga. As abelhas voavam alegremente entre as grandes árvores, e o cheiro adocicado da manga deixava o ambiente ainda mais acolhedor. Com o balaio cheio, Caetano voltava para casa, mas escutou uma forte buzina que o deixou de orelha em pé. No fim da estrada vinha um carro preto, enorme, com os vidros levantados, correndo ao ponto de todos os pássaros das árvores ao redor levantarem voo. Caetano não conhecia aquele carro, mas, como vinha em direção à sua porteira, aguardou. O carro parou, do carro desceu um homem chamado Aguiar. Vestia blusa azul de manga comprida, calça jeans e tênis. Ele se apresentou a Caetano como o responsável pela indústria que estava em construção a poucos metros do sítio. Caetano o chamou para tomar um café com toda sua receptividade. Antônia lhe ofereceu mangas e algumas de suas receitas.

Aguiar se sentou e, enquanto saboreava um belo quitute, contou a Caetano sobre a indústria e tudo de bom que ela traria: desenvolvimento para o espaço e também para toda a cidade. Caetano se encantou com a ideia de progresso e desenvolvimento. Aguiar mostrava fotos de muitas máquinas, drones e muita tecnologia. Antônia escutava tudo enquanto preparava mais receitas no fogão a lenha. Aguiar se despediu e disse que agora eles se veriam com muita frequência, pois estariam próximos. Já era hora de buscar Ayla no ponto. Caetano viu a van apontar no final da estrada e Antônia pediu que ele fosse buscá-la. Na hora do jantar, todos se sentaram à mesa. Caetano e Antônia ainda não tinham conversado sobre a visita de Aguiar. Foi então que Caetano disse que estava muito feliz, pois a roça iria se desenvolver. Ayla, uma menina muito esperta, perguntou por que seu pai estava falando isso. E assim todos começaram a conversar sobre a

visita de Aguiar ao sítio e todas as fotos que ele mostrou. A indústria iria produzir embalagens plásticas. Todos ficaram felizes com a ideia. Ayla ficou com uma pulga atrás da orelha, mas preferiu não falar nada, pois viu seus pais muito felizes. Três meses depois, a indústria já havia sido inaugurada há algumas semanas. A paisagem já não era a mesma. O lugar calmo agora dava espaço para barulhos de máquinas e caminhões passando o dia inteiro. Ayla precisava ter muito mais atenção ao ficar no ponto de ônibus devido à intensa movimentação. Os pássaros já não voavam tanto por ali, devido ao barulho extremo. Caetano continuava a cuidar dos pés de manga para a próxima colheita. Mas uma buzina soou forte mais uma vez. Era Aguiar chegando. Agora, com muito mais intimidade, chamou seu “amigo”: — Tano! Caetano foi recebê-lo e logo o chamou para tomar um café. Aguiar estava um pouco diferente — já não era tão

simpático. Disse que não iria tomar o café, pois estava com pressa. Disse que tinha ido apenas para avisar Caetano e Antônia que eles teriam alguns meses para encontrar outro lugar para morar, pois a indústria iria se expandir e o sítio deles estava atrapalhando o desenvolvimento e o progresso. Antônia veio correndo, não acreditava no que acabara de ouvir. Caetano ficou paralisado, sem acreditar. Aguiar entrou em seu carro, bateu a porta e saiu pela estrada levantando tanta poeira que era impossível ver seu carro partindo. Caetano e Antônia se abraçaram e choraram muito, mas prometeram não contar nada a Ayla, para não a preocupar. Ayla chegou da escola, todos se sentaram à mesa para jantar. Ela percebia que havia algo errado com seus pais, mas não quis incomodar. No amanhecer do dia seguinte, Ayla foi até o rio de águas cristalinas que ela via desde que nasceu e que passava em frente à sua casa. Era dessa água que sua família usava para todos os

afazeres: inclusive para beber e irrigar as plantações. Mas algo estava errado. Ela percebeu a água turva, com pedaços de plásticos e lixos. Foi correndo chamar seus pais. Eles já sabiam, mas não queriam que Ayla descobrisse. Mas já era tarde. Ayla era muito esperta. Era impossível esconder. Seus pais sentaram-se ao seu lado na beira do rio. Contaram que, desde que a indústria se instalou, aquela fumaça preta parecia ter feito mal às plantações, que agora não cresciam de forma saudável. E a água suja não permitia mais o consumo adequado. Antônia disse que Aguiar — conhecido por Ayla como “Tio Gui” — havia dito que eles teriam que se mudar, pois estavam atrapalhando o progresso. Ayla saiu correndo. Seus pais não entenderam o porquê de tanto desespero. Ela foi até seu quarto, abriu sua mochila e começou a ler o conteúdo que havia aprendido nas últimas semanas na escola. Uma parte falava sobre saberes e

culturas locais. Ayla logo correu até o caderno de receitas da sua mãe e o guardou na mochila para levar à escola no dia seguinte. A cabeça de Ayla fervilhava de ideias. Ela precisava ajudar seus pais. No dia seguinte, ao chegar na escola, correu até a sala da professora e disse que precisava conversar. Falou que lembrava da aula sobre cultura e saberes locais e que precisava mostrar uma coisa. Tirou da mochila o caderno de receitas de sua família, passado de geração em geração. A professora ficou encantada — nunca tinha visto um material tão rico. Os pais de Ayla foram até a escola sem entender o que estava acontecendo. Chegando lá, Antônia viu seu caderno de receitas e soube que Ayla tinha aprontado alguma. A professora disse que aquele caderno deveria virar um livro, pois era um material muito valioso que contava, através das receitas, a história de muitos e muitos anos. Caetano e Antônia acharam engraçado, mas Ayla insistiu para que

apoiassem a ideia da professora. Não demorou muitas semanas e o caderno foi transformado em um livro. Mas a preocupação dos pais era outra: a desocupação do sítio, que agora faltavam pouquíssimos meses para acontecer. Passado um mês desde o lançamento do livro, ele já era recorde de vendas. Antônia, Caetano e Ayla foram chamados para inúmeros eventos, onde conheceram pessoas que lutavam pelo respeito à natureza, à cultura e aos saberes. A história da desocupação foi contada em uma dessas entrevistas e mobilizou milhares de pessoas, inclusive famílias de outros estados que também estavam passando pela mesma situação. Foi assim que Ayla, Caetano e Antônia uniram forças e passaram a lutar pela liberdade e pelo direito à terra, que estava em perigo. A indústria de Aguiar, como muitas outras, teve que pedir desculpas às famílias, assinar contratos de respeito ao meio ambiente, à cultura local e às famílias que ali viviam. Ayla,

Caetano, Antônia e milhares de pessoas entenderam que o progresso e o desenvolvimento não estão apenas nas máquinas e na tecnologia, mas também em uma educação crítica, que permite pensar na valorização dos saberes locais e culturais e no respeito à terra. Assim, além de conseguirem continuar em sua terra com suas plantações, passaram a atuar em inúmeras causas sociais e ajudaram várias famílias que estavam na mesma situação de vulnerabilidade.

O semeador de desejos

Jefferson Pinheiro Escobar

Nova Friburgo

Naquela cidade, tudo parecia ter sido combinado antes de acontecer. As missas enchiam. As casas fechavam cedo. Os casamentos vinham com a previsibilidade de um calendário: namoro, noivado, altar, filhos, silêncio.

As mulheres aprendiam cedo a dobrar o desejo como quem dobra um lençol: com cuidado, para que ninguém veja o amasso. Era um lugar limpo por fora. Tão limpo que dava a impressão de ordem eterna. Até o dia em que o forasteiro apareceu.

Ninguém soube de onde vinha. Sabia-se apenas que era jovem, bem-posto, educado demais para aquele chão batido. Instalou-se na

única pousada da praça e passou a circular com uma naturalidade que parecia ensaiada: cumprimentava, escutava, sorria. Não dizia nada de extraordinário. Talvez fosse exatamente isso.

As mulheres começaram a notar. As mais novas primeiras; depois, as casadas; depois, até aquelas que já tinham aprendido a não esperar mais nada de si mesmas. Não era desejo declarado — era vigília. Um olhar que demorava um segundo a mais. Um pensamento que insistia depois da reza.

Algumas se confessaram ao padre. Falavam de tentações sem nome. O sacerdote ouvia, recomendava mais oração, mais recato, mais silêncio. Funcionava como sempre: aliviava a culpa, não o desejo.

O forasteiro passou a ser convidado para almoços, aniversários, chás de igreja. Sentava-se à mesa com a mesma cortesia com que

entrara na cidade. Não prometia nada. Não tomava nada. Limitava-se a estar.

E isso bastava.

Uma a uma, começaram a se aproximar. Não havia escândalo, nem rompimento público. Havia pequenos deslocamentos: mãos que se demoravam num cumprimento, conversas que continuavam depois que os outros saíam, caminhadas que mudavam de rota.

O curioso é que ele não parecia buscar. Não seduzia. Não insistia. Não escolhia. Era como se apenas passasse... e algo nas mulheres se movesse por conta própria.

Depois, quando tudo já tinha acontecido sem nunca ter sido dito, vieram as lembranças. Em tarefas comuns — ao estender roupas, varrer o quintal, acender uma vela — surgiam flashes de uma presença tranquila, de uma atenção inteira, de uma proximidade que não exigia nada e, ainda assim, deixava marca.

Não falavam entre si. Guardavam. Havia um sorriso breve, quase secreto, que aparecia e desaparecia como quem fecha uma janela por dentro. Não era arrependimento. Tampouco vanglória. Era memória — e a memória, às vezes, é a forma mais delicada do desejo.

Naquela mesma época, preparava-se o casamento da moça mais comentada da cidade. A noiva. Vestido escolhido, igreja marcada, futuro acertado. Ela era o retrato do que se esperava: discreta, correta, destinada. Foi a última a se aproximar. Não houve encontro secreto, nem declaração. Apenas uma tarde em que o encontrou na praça; conversaram como dois conhecidos, e ela voltou para casa com a sensação estranha de que algo, sem tocá-la, tinha sido deslocado.

Na semana seguinte, adoeceu. Não de febre. De inquietação. Passava horas sentada, olhando o nada. À noite, sonhava acordada.

Tentou rezar. Tentou se convencer. Tentou ser o que já estava decidido. Não conseguiu.

Na véspera do casamento, a cidade dormia certa de mais um ciclo cumprido.

Na manhã seguinte, a igreja estava cheia. O noivo aguardava. O padre aguardava. A cidade inteira aguardava. A noiva não veio. Ninguém viu o forasteiro partir. Apenas se notou, depois, que a pousada estava vazia.

A vida voltou ao seu curso. As missas continuaram cheias. As casas seguiram fechando cedo. Outros casamentos aconteceram. Mas algo havia mudado. As mulheres nunca mais voltaram a dobrar o desejo do mesmo jeito.

Naquela cidade, aprendeu-se uma coisa que ninguém ensinava nos sermões: há sementes que não pedem permissão para germinar.



PRÊMIO ESTUDANTIL
DE POESIA
HENNY KROPF

Sonhos estudantis em poesia

Ludmar de Mello

Lameirinhas Longo

É com muita alegria que venho apresentar os belíssimos poemas selecionados no **Prêmio Estudantil de Poesia Henny Kropf - 2026**, promovido pela Academia Cantagalense de Letras (ACL), com o objetivo de estimular e valorizar a criação literária em jovens de nosso município.

Foram convidados a participar do concurso estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio das escolas municipais, estaduais e particulares de Cantagalo. Assim como nos alegramos em apresentar os poemas selecionados, também é com muita satisfação que agradecemos às escolas que nos apoiaram

nesse projeto bem como aos professores que abraçaram a ideia, interrompendo muitas vezes as atividades cotidianas realizadas com seus alunos a fim de se dedicarem a leituras, debates, reflexões e produção dos poemas norteados pelo tema proposto pela Academia: SONHO.

Na condição de professora, acredito que tenha sido uma pausa prazerosa, pois é gratificante ver o que pensam, sentem e sonham nossos jovens e como traduzem em palavras suas emoções. O leitor perceberá que, em um mundo em que muitos abdicam da experiência da escrita, onde grande parte dos jovens ficam deslumbrados por conexões instantâneas, há jovens que têm muito a dizer e o dizem aqui de uma forma muito especial, forma esta que exige reflexão, cuidado e sensibilidade.

A nossa querida Henny Kropf (1922-2015), escritora homenageada, sempre prezou

a companhia dos estudantes, atuando como professora, alfabetizadora, recebendo-os carinhosamente na Biblioteca Municipal Acácio Ferreira Dias, onde foi diretora e implementadora do Pró-Memória de Cantagalo. Foi poeta, escreveu belíssimos poemas, destacando-se pela sensibilidade de suas trovas. Sua poesia traduz o amor à vida, à natureza, a Cantagalo, versando sobre sua história, tradições e seus vultos ilustres. Escreveu “Chuva Lirial de Trovas”, Arco-iris do Amor” e publicou regularmente o periódico denominado “Poenísia” no qual destacava algum autor ou tema relacionado a Cantagalo.

Imagino que, como nós, Henny Kropf estaria feliz e muito orgulhosa com o resultado que agora publicamos.

A Academia Cantagalense de Letras seguirá promovendo movimentos que estimulem a escrita e a leitura, preservando e promovendo a língua nacional, a literatura e a

cultura cantagalense com atividades que aproximem leitores, acadêmicos e novos autores.

Agora, fica então o convite para que nos encantemos com os poemas aqui reunidos, carregados de sonhos, sentimentos e questionamentos juvenis. Confiemos nas sábias palavras de Henny Kropf:

“Juventude é como a rosa
que acorda desabrochando,
tão cálida e perfumada
belos sonhos exalando.”

Comissão Organizadora

Andréa Reis

Flávia Bon Cardoso

Gabriela Reis

José Huguenin

Ludmar Lameirinhas Longo

Ludmilla Souza de Paula

Comissão Julgadora

Fabiana Corrêa

Flávia Bon Cardoso

Ludmilla Souza de Paula

Resultado da Categoria A
6º e 7º anos do Ensino Fundamental II

1ª Colocada

Sarah Leal da Silva, *Sonhos*
7º ano, Escola Municipal Maria Bellieni D'Oliveira

2ª Colocada

Anna Beatriz dos Reis Machado, *Jardim dos
sonhos*
7º ano, Escola Municipal Elestar Caetano Mendes

3ª Colocado

Breno Borges Figueiredo, *Despencar*
7º ano, Escola Municipal Dacyr José Ribeiro

Finalistas (por ordem Alfabética)

Alice Baptista Sardinha, *Um sonho fora do planeta*,
6º ano, Colégio Euclides da Cunha;

Anna Júlia dos Santos Lima, *Voando com os
sonhos*,
7º ano, Escola Municipal Elestar Caetano Mendes

Anna Pérola Vieira de Figueiredo Peixoto, *Sonhos cintilantes*,

6º ano, Escola Municipal Elestar Caetano Mendes

Maria Luísa Vieira Bittencourt, *Queria viver no mundo da Lua*,

6o Ano, Colégio Euclides da Cunha

Miguel Guzzo de Carvalho Sartori Bom, *Os melhores sonhos*,

6o Ano, Colégio Estadual Maria Zulmira Torres

Renan de Azevedo Silva, *Sonho*,

6º ano, Colégio Estadual Maria Zulmira Torres

Thiago da Silva Monteiro, *Sonhando acordado*,

7º ano, Escola Municipal Maria Bellieni D'Olival

Sonhos

Sarah Leal da Silva

Os sonhos não conhecem relógios,
nem aprendem a contar o tempo,
são rios correndo em silêncio
vencendo a pedra e o vento.

Às vezes parecem distantes,
quase impossíveis de alcançar.
Mas quem escuta o próprio peito
sempre encontra um jeito de chegar.

Há sonhos que dormem na alma
esperando um sopro de luz.
Basta um instante de coragem,
e o impossível se reduz.

Os sonhos não pedem promessas
pedem apenas um coração
que não se renda ao medo,
nem desista da própria canção.

Porque a vida passa depressa,
Como um barco levado ao mar.
Mas quem faz dos sonhos um porto
sempre volta a acreditar.

O jardim dos sonhos

*Anna Beatriz
dos Reis Machado*

Plantei um sonho no peito
como quem planta uma flor.
Reguei com fé e coragem
e colhi esperança e amor.

Mesmo assim,
o vento me trouxe cicatrizes,
a chuva quase me derrubou,
mas quem acredita de verdade
faz da tempestade um farol.

Os sonhos não têm tamanho
nem idade pra nascer.
Basta um coração valente
que escolhe não se perder.

Se a vida fechou uma porta,
uma janela há de surgir,
porque quem guarda um sonho vivo
sempre encontra onde florir.

E, quando me perguntarem
qual foi minha maior missão,
direi que cuidei dos sonhos
como quem cuida
de uma linda paixão.

Despencar

Breno Borges Figueiredo

De noite eu fecho meus olhos, bem forte
Para ver se consigo sonhar, voar lá para o céu
Andar nas estrelas do sul e do norte
Olhando a terra bem pequenina lá embaixo

Quero pular de nuvem em nuvem
Sentir o vento desenhar meu rastro
Reunir as estrelas que caem em chuvas
E costurar o céu em pedaços de sonhos

Quero saltar obstáculos do infinito
Mergulhar no azul de um mar suspenso
Transformar o silêncio em grito
E flutuar além do que eu penso

Quero despencar de toda a realidade!

Um sonho fora do planeta

Alice Baptista Sardinha

Vi aquela grande esfera
logo quando saí da Terra.

Quero ir para um planeta distante,
onde a aventura seja constante.

Estudei o caminho.
É fácil a chegada.
É só pôr o foguete na estrada.

Agora já cheguei,
não tem mais volta,
só sinto a alegria que se solta.

Vi algo se mexendo...
Será um alien?

Acho que sim!

Ele me cumprimentou feliz.

Eu me assustei,

sou uma atriz!

Voando com os sonhos

Anna Júlia dos

Santos Lima

Sonhei que o vento me levava
para voar em nuvens de algodão macias
como a neve
que enchiam meu coração.

Alguns sonhos são grandes.
Outros...
pequenos como uma semente,
mas cada um tem imenso valor.

Eles dão força para seguir
e o seu combustível é a esperança.
Mas é preciso acreditar
que um dia se consegue realizar.

Mesmo, quando tudo parecer difícil,
não devemos desistir,
pois os sonhos nos tornam mais fortes.

Sonhar é o primeiro passo
para uma vida mais feliz.
Às vezes, paro e penso
o que quero para o amanhã.
Meu pensamento começa a voar
e, na utopia, encontro meu lugar.

Sonhos cintilantes

*Anna Pérola Vianna
de Figueiredo Peixoto*

Os sonhos são como estrelas brilhantes
que, a distância, nunca morrem.

Eles são como poetas do Universo,
enchendo nossas vidas de beleza
e de esperança.

Por isso, não desista
e siga teu coração.
Algum dia, chegará ao destino
e serás o astro que cintila no horizonte.

Queria viver no mundo da Lua

Maria Luísa Vieira

Bittencourt

Sempre tive o sonho de ir ao mundo da Lua.
Um lugar inimaginável, onde não há regras.
De um canto ao outro, um lugar perfeito.

Sem discussões sobre isso ou aquilo, lá ou cá.
Sim, um lugar de Paz, sem brigas.

Um lugar onde as crianças sejam livres,
sem limitações de seus pais sobre brincar na
chuva,
na lama, até mesmo na rua.

E, sim, o meu sonho é viver no mundo da Lua.

Os melhores sonhos

Miguel Guzzo de Carvalho

Sartori Bom

O meu maior sonho é me formar
Em uma faculdade boa.
Ter condições financeiras boas
Formar uma família.

Meu sonho para as pessoas
E que elas consigam ter uma vida estável
Realizarem os seus sonhos
Terem um futuro digno.

Meu sonho para um mundo
E que todos cuidem bem do meio ambiente.
As pessoas respeitem uns aos outros,
E que as pessoas valorizem as coisas naturais
Para assim, fazermos um mundo melhor.

Sonho

Renan de Azevedo Silva

Meu sonho é ser jogador de futebol,
jogar a Copa do Mundo, a *Champions League*,
o Brasileirão e atuar no Vasco ou no Real
Madrid.

Meu sonho para os outros é um mundo
melhor,
sem pessoas ruins que provoquem o
desmatamento,
para que o mundo seja um lugar melhor.

Toda criança merece sonhar
com um mundo cheio de cor,
onde a vida possa pulsar,
embalada por muito amor.

Meu sonho voa como um pássaro,
deixando para trás qualquer cansaço,
quebrando os muros do preconceito,
buscando o respeito, que é um direito.

Sonhando acordado

Thiago da Silva Monteiro

Sonhos são coisas que gostamos
São coisas que imaginamos
Sem precisar estar acordados
Quando na cama estamos deitados.

Mas tem horas que nossa mente vira uma
criança,
Tem horas que ela volta à infância
Sem precisar voltar no tempo.

Dentista, veterinário, médico, várias coisas
Que, quando somos criança, imaginamos.
E, então, lembramos: temos que dar valor ao
sonho
Pois, quando somos crianças, imaginamos
Até o que seremos quando crescer.

Resultado da Categoria B
8º e 9º anos do Ensino Fundamental II

1ª Colocada

Evelyn Lima Azevedo Rocha, *Escolha sonhar*
8º ano, Escola Municipal Elestar Caetano Mendes

2º Colocada

Pietra de Oliveira Brandão, *Sonhar*
9º ano, Centro Educacional de Cantagalo

3º Colocado

Anna Hellena V. F. Peixoto, *Sonhos carregam o
infinito*
9º ano, Escola Municipal Elestar Caetano Mendes

Finalistas (por ordem Alfabética)

Antônio Bonan Taveira Pinaud, *Continuo a sonhar*,
9º ano, Colégio Euclides da Cunha;

Clarisse Bittencourt, *Sonhei*,
9º Ano, Centro Educacional de Cantagalo

Gabriela Almada da Silva Simas, *Sonhos infinitos*,

9º ano, Escola Municipal Dacyr José Ribeiro

Isabella Teixeira Santos, *Meus sonhos*,

9º ano, Colégio Estadual Maria Zulmira Torres

Júlia de Oliveira Machado, *Meus sonhos*,

9º ano, Colégio Estadual Maria Zulmira Torres

Marianna Pinheiro Câmara, *Aquarela de sonhos*,

8º ano, Escola Municipal Elestar Caetano Mendes

Tharcylla Gabriela de Mattos Barboza, *Uma doceira*,

8º ano, Colégio Estadual Maria Zulmira Torres

Escolha sonhar...

Evelyn Lima Azevedo Rocha

Quero adormecer e sonhar,
pois,
só assim,
encontro meu verdadeiro
lugar.

Onde não se vive
sem amar.
Onde conseguimos
sonhar e
realizar
sem medo do que irão
pensar.

Quero adormecer e
sonhar...

ainda com medo do
acordar.

Não sonhar é praticamente
matar
aquilo que se almeja
concretizar.

Quero adormecer e
sonhar...

Posso escolher não acordar?

Sonhar

Pietra de Oliveira Brandão

Tem sonho que começa pequeno,
Quase ninguém consegue notar.
Mas ele cresce aos poucos,
Com quem escolhe acreditar.

Nem tudo acontece de repente,
Às vezes leva um tempo pra chegar.
Mas cada passo dado hoje
Ajuda o amanhã a mudar.

Errar também faz parte,
Assim como tentar outra vez.
O importante é nunca perder
A coragem de sonhar.

Sonhos carregam o infinito

*Anna Hellena Vianna
de Figueiredo Peixoto*

Há sonhos que nascem silenciosos
como estrelas escondidas antes de anoitecer.
Outros chegam apressados
pedindo coragem para acontecer.

Sonhar o caminho sem ver o fim da estrada,
é acreditar quando o mundo diz não.
É guardar, no peito, uma crença teimosa
que insiste florescer no coração.

Então, sonhe sem medir o tamanho do
| horizonte.
Os maiores voos começam dentro da alma.
E, enquanto houver um sonho vivo dentro de
| você,

sempre haverá um novo motivo para seguir em frente.

Os sonhos não pertencem
aos que nunca caem,
mas aos que se levantam com o olhar aceso.
Aos que transformam
o medo em impulso
e a esperança em caminho.

Sonhos são
feitos de desejos inacabados,
de lembranças,
de recomeços
e de fé...

Continuo a sonhar

Antônio Bonan

Taveira Pinaud

Acordei de um sonho,
mas continuo a sonhar.

Sonhos todos têm:
Viver, sonhar e realizar.

Sonhos, algo tão abstrato,
dos mais simples aos complexos,
de riqueza à liberdade.
Sonhar é identidade.

Sonhar é minha filosofia.
Vida de sonhos é poesia.
Sonhos encantam o dia a dia.
Sonhar é uma magia.

A vida é sobre sonhar,
não importa como acabar.
Até o mais alto patamar,
vou viver para sonhar!

Sonhei

Clarisse Bittencourt

Hoje sonhei
Era tudo colorido
Quando acordei
Tudo virou preto e branco

Essa noite eu sonhei
Sonhei que te perdi
Quando acordei
Ainda senti você aqui

Essa noite eu sonhei
Que tudo ia mudar
Quando amanheceu
Voltei a sonhar.

Sonhos infinitos

*Gabriela Almada
da Silva Simas*

Sonhos são coisa infinitas
Todos nós sonhamos
independente do quanto neguem
A senhora carinhosa,
a adulta no início de uma nova fase,
a criança sorridente.

Existem sonhos um pouco esquecidos pela rotina,
Sonhos realizados
E sonhos que estão sendo demonstrados,
através de folhas que já foram brancas
jogadas em cima da mesa.

Ao olharem para os papéis,
A adulta encontra a coragem que precisa para
seguir em frente,

A senhora sorri ao se lembrar de quem um dia foi
E a criança continua sonhando.

Meus sonhos

Isabella Teixeira Santos

Sonho em estudar muito,
fazer faculdade e me formar,
arrumar um bom emprego
para poder me confortar.

Para isso tudo acontecer,
preciso muito me dedicar.
Não adianta só ficar sonhando,
sem fazer nada para o sonho realizar.

Com o passar dos anos,
quero aproveitar cada emoção
e descobrir, nessa vida,
o que faz vibrar o meu coração.

Provavelmente, esses sonhos

vão levar tempo para se realizar.
Mas só vou estar satisfeita
quando fizer minha mãe se orgulhar.

A ela devo minha vida;
por ela, uma grande mulher vou me tornar.

Quero passar a vida
ao lado de quem sempre estiver comigo,
vivendo os momentos bons e ruins,
junto da família e dos amigos.

Por fim, vou viver intensamente
e não terei medo de ser feliz,
pois desta vida a gente não leva nada.
Sou apenas uma aprendiz.

Meus sonhos

Júlia de Oliveira Machado

Tenho sonhos dentro de mim,
sonhos que quero realizar,
e mesmo que o caminho seja longo,
eu não vou deixar de tentar.

Meu maior sonho é ser modelo,
desfile, sorrir e representar,
quem sabe um dia ser Miss
e o Brasil poder representar.

Também sonho em morar fora,
conhecer um novo lugar,
levar comigo a minha história
e nunca deixar de sonhar.

Mas não sonho só por mim,

sonho com um mundo diferente,
onde exista mais respeito
e igualdade entre a gente.

Que acabe o preconceito,
que o bullying deixe de existir,
que ninguém julgue pela aparência
sem antes conhecer quem está ali.

Quero representar as mulheres,
mostrar que podemos chegar além,
e acreditar que nossos sonhos
podem se realizar também.

Esses são os meus sonhos,
e eu vou continuar a acreditar,
porque enquanto houver esperança,
sempre haverá um motivo para sonhar.

Aquarela de sonhos

Marianna Pinheiro Camara

Ao sonhar, criamos cores pro mundo.
Todos os sonhos colorem o preto e o branco.
Cada cor no seu tom,
cada sonho em sua mente
surpreende por ser tão
envolvente.

Os sonhos dão asas aos corações
e nos fazem voar
por um universo de cores
onde a esperança dá cor
ao futuro
com os mais belos matizes.

Nessa trajetória, somos artistas
e recebemos uma tela vazia

em que depositamos
incertezas
diante dos obstáculos do dia a dia.
Somos autores de nossas vidas!

Assim, vamos pintando com emoção
cada momento diário.
No fim dessa caminhada, a vida se torna
uma obra-prima de intensos coloridos...

Uma doceira

*Tharcylla Gabriela
de Mattos Barboza*

Meu sonho é ter uma doceria,
Cheia de doçura e muita alegria.
Com bolos, tortas e brigadeiros,
Encantando clientes o dia inteiro.

Cada receita feita com amor,
Espalhando felicidade e sabor.
Ver as pessoas sorrindo ao provar
É o que me faz continuar a sonhar.

Sei que, com esforço, vou conseguir,
E um grande sonho vou construir.
Minha doceria será especial,
Um refúgio de doçura, sabor sensacional!

Resultado da Categoria C (Ensino Médio)

1ª Colocada

Maria Clara Guzzo Gomes, *Brasil, cemitério de sonhos*

2º ano, Colégio Euclides da Cunha

2º Colocada

Melissa Menezes Bonifácio, *Sonhos*

1º ano, Colégio Estadual Maria Zulmira Torres

3º Colocado

Ágatha Parreira Cunha do Nascimento, *Em busca da alma perdida*

1º ano, Colégio Estadual Maria Zulmira Torres

Finalistas (por ordem Alfabética)

Bernardo Rufino Pacheco, *Supernovas*,

1º ano, Colégio Euclides da Cunha;

Jhennyfer Tristão Cypriano, *Trajeto sob o céu aberto*,

3º ano, Colégio Estadual Maria Zulmira Torres

Júlia Freire Rosalino, *É tudo a mesma coisa*,
3º ano, Colégio Estadual Conde de Nova Friburgo

Miguel Bastos, *Sonhos que nos movem*,
1º ano, Colégio Euclides da Cunha

Renan dos Santos Coelho, *A natureza de sonhar*,
2º ano, Colégio Estadual Conde de Nova Friburgo

Susana Villa Nova Peixoto, *Todos possuem sonhos*,
1º ano, Colégio Estadual Conde de Nova Friburgo

Brasil, cemitério de sonhos

Maria Clara Guzzo Gomes

Nas ruas, o povo caminha,
carregando momentos de dor.
Nas redes pregam esperança,
nas favelas reina o terror.
Há crianças sem amparo,
há mulheres sem voz,
há falsas mudanças
e um silêncio que fala por nós.
Nossos sonhos são como pássaros,
que querem o céu alcançar,
muitos se perdem no caminho,
poucos insistem em voar.
Em cada rosto, um sorriso,
em cada conquista uma razão,
Mas o peso das injustiças,
segue calando o coração.

Sonhos

Melissa Menezes Bonifácio

Qual é o meu sonho?
O que é sonhar?
Perguntas simples...
Díficeis de responder.

Invento respostas
só para não demonstrar,
mas a dúvida grita,
sem querer se calar.

Sombras me cercam,
ecoam sem fim,
um vazio constante
dentro de mim.

Vivo para agradar,
para nunca falhar,

ser perfeita, impecável...

Um modelo a copiar.

Mas, quando eu erro,

tudo desmorona.

Minha mente me julga,

me prende, me aprisiona.

É no silêncio da noite

que só resta encarar:

talvez, meu maior sonho

seja me encontrar.

E, quem sabe, um dia,

sem medo de errar,

eu aprenda comigo

a, simplesmente, sonhar.

Em busca da alma perdida

Ágatha Parreira

Cunha do Nascimento

Quando eu já não sei a direção,
continuo como casca vazia,
sem rumo nem calma.
Olhos opacos, sem luz a brilhar,
caminham pela vida sem se encontrar.

Sem sorrisos nos lábios,
sem emoção no olhar,
o corpo vagueia, sem destino a buscar,
sem sentir o calor do sol a brilhar,
nem o toque do vento a acariciar.

A alma se perdeu em algum lugar distante,
deixando para trás um ser desalinhado.
À procura de sentido, o corpo caminha,
na esperança de encontrar sua própria linha.

Mas, enquanto a alma não voltar ao lar,
o corpo seguirá, sem rumo, a vagar,
à espera do momento de se reencontrar
e voltar a sentir, amar e sonhar.

Supernovas

Bernardo Rufino Pacheco

Sonhos são sementes
Que aguardam a florescer,
Alguns viram estrelas
Outros deixam de nascer.
Há sonhos que se perdem,
Na solidão do caminho,
Como uma estrela distante,
Enfraquecendo seu brilho.
Na morte de um sonho
Permanece um vazio profundo
Tal como um buraco negro
Levando a luz do mundo.

Trajetos sob o céu aberto

Jhennyfer Tristão Cypriano

Sonhando acordada,
seguindo pela estrada,
imaginando uma bela rua,
enquanto converso com a lua.

Ouço vozes ecoarem
no mais profundo do meu ser
dualidades entre o "sim" e o "não",
entre o "ser" e o "não ser".

Visto-me de insegurança,
o medo me abraça
Despeço-me com um beijo
e novamente, pé na estrada.

O que está a me aguardar?
Preciso descobrir.

Chegarei a esse lugar,
ao lugar onde desejo ir?

Ninguém precisa entender.
Ninguém precisa aprovar.
Eu sei, meu coração sussurra:
aquele é o meu lar.

Uma chamada me irradia,
sinto-me leve, feito brisa.
O coração já pressentia
meu lugar me acolheria.

Por toda a trajetória, tropecei, caí.
Mas, realizada, enfim digo:
Como é bom estar aqui!

É tudo a mesma coisa

Júlia Freire Rosalino

Construir uma casa;
Receber um aumento;
Se aposentar;
Sonhos de adulto.

Regular o sono;
Seguir a dieta;
Pagar as dívidas;
Sonhos de adulto.

Ser um super-herói;
Ficar acordado até tarde;
Voar com os passarinhos;
Sonhos de criança.

Nadar na lava;
Comer sorvete no almoço;
Ganhar um cachorro;
Sonhos de criança.

O pai quer sustentar a casa;
O filho quer atenção do pai;
O pai quer realizar o sonho do filho;
O filho quer participar do sonho do pai.

Sonhos que nos movem

Miguel Bastos

Os sonhos nascem leves
como o vento ao amanhecer,
iluminam novos passos
e nos fazem crescer.

Mesmo na escuridão
eles nos guiam com emoção,
mantendo viva
a chama do coração.

São asas de esperança
que nos fazem seguir,
transformando o impossível
em algo a construir.

A natureza de sonhar

Renan dos Santos Coelho

Oh sonhos, o que são?
De onde surgem?
Se aproximam na mocidade
trazendo vividez a uma simples vida,
mas ao passar da juventude,
se tornam finitos e restritos,
tendo em busca menores objetivos,
pois a vida adulta cobra seu preço
trazendo consigo gotas de realidade
e sabor de desilusão.

Para onde os sonhos vão no final?
se não realizados,
se tornam apenas pó no fluxo do tempo?
Energia gasta para girar uma engrenagem
que não agiliza processo algum?
Talvez seja isso,

um momento para aliviar a desgraça chamada vida,
torná-la menos fútil e desagradável,
e para dar a ela um sentido breve,
por mais que isso não a torne mais prazerosa,
a torna mais fugaz,
entrega a ela razão,
mesmo ela sendo irracional.

Todos possuem sonhos

Susana Villa Nova Peixoto

Mas... O que seria ter um sonho?
Uma profissão? Algum desejo? Ou uma realização?

E quando ele surge?
Na infância? Na Velhice? Ou na juventude?

A perspectiva de realidade diferente,
altera os sonhos de cada um?
Pensando historicamente, de um por um.

E no final... Quem tem um sonho raso,
vive em busca de algo mais profundo.

O medo persegue aquele que tem receio de não
| realizá-lo.
E quem realiza, tende a querer mais do que o
| esperado.

O tempo é algo breve,
Esperar que o seu sonho se realize sozinho, é algo
| que estranhece.

E para finalizar... O meu sonho já tenho em mente!
E o seu? Quando o tornará possível pessoalmente?

Esta obra contou com o apoio editorial da **Academia Fluminense de Letras**, a academia de letras oficial do Estado do Rio de Janeiro, através do selo Projetos Independentes da



www.academiafluminensedeletras.org.br



www.academiacantagalensedeletras.org